
Revista Vozes: reflexão sobre a prática jornalística para o ensino do gênero interpretativo¹

Clarissa Josgrilberg PEREIRA²

Mayara Cristina Korte³

Universidade Regional de Blumenau - FURB, SC

RESUMO

Ensinar gênero jornalístico a partir da prática da escrita de seus formatos e incentivar a escrita do gênero interpretativo, pouco explorado pela mídia tradicional de massa, foi o ponto de partida do projeto interdisciplinar realizado em 2019 com as turmas da 3ª e 4ª fase do curso de jornalismo da Universidade Regional de Blumenau – FURB. A partir da construção de uma revista digital intitulada “Vozes – criando raízes no Brasil”, cuja temática focava nos imigrantes vindos para a cidade de Blumenau- SC os alunos puderam colocar em prática os princípios aprendidos nas disciplinas. Assim, este artigo, a partir do relato da prática pedagógica associado às discussões trazidas por pesquisa bibliográfica, aponta que a união entre teoria e prática no ensino do jornalismo é de fundamental importância e, em especial, na discussão dos gêneros jornalísticos possibilita que os alunos compreendam melhor as distinções entre formatos e experienciem as possibilidades de execução deles.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero Interpretativo. Perfil. Jornalismo de Revista. Ensino de Jornalismo.

Introdução

Este artigo trata da discussão sobre o ensino do gênero jornalístico interpretativo a partir da construção de uma revista digital com alunos da 3ª e 4ª fase do curso de Jornalismo da Universidade Regional de Blumenau (FURB). A partir de um projeto interdisciplinar que envolveu as disciplinas de Plataformas Multimídia e Jornalismo Internacional estabeleceu-se os seguintes objetivos: 1) Aperfeiçoar os alunos em equipe de reportagem, apuração e uso de dados; 2) Praticar produto jornalístico completo, desde a concepção da ideia até a construção gráfica; 3) Desenvolver especificidades das disciplinas envolvidas, promovendo o alinhamento das bases teóricas e práticas das disciplinas; 4) Experienciar o desenvolvimento do produto e rotina jornalística tendo em vista a abordagem de opinião, por meio de fontes e pesquisas

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Docente efetiva na Universidade Regional de Blumenau. Doutora em Comunicação. e-mail: clarissap@furb.br.

³ Graduada em Publicidade e Estudante de Jornalismo na Universidade Regional de Blumenau. e-mail: korte.mayara@gmail.com

prévias; 5) Publicar o resultado final no portal Nosso Tal, plataforma de notícias criada no curso de Jornalismo da FURB⁴.

Inclui-se nos objetivos de especificidades das disciplinas e alinhamento das bases teóricas a compreensão e o exercício de gêneros e formatos interpretativos. Isso se deve porque a revista foi constituída não só com reportagens, mas também com perfis. A inclusão do formato perfil deve-se à necessidade de dar vozes aos imigrantes, tema da produção. Vozes essas que se tornaram fio condutor do planejamento da revista, para as perspectivas trazidas ao longo das reportagens e perfis.

A partir dessa discussão e para trazer reflexões acerca do ensino de gênero interpretativo estruturamos o artigo da seguinte forma: contexto sobre a interpretação no jornalismo, porque trabalhar com revista digital e discussão do produto realizado. Concluímos a partir do relato da prática pedagógica associado às discussões trazidas por pesquisa bibliográfica que a união teoria e prática no ensino do jornalismo é de fundamental importância e, em especial, na discussão dos gêneros jornalísticos possibilita que os alunos compreendam melhor as distinções entre formatos e experienciem as possibilidades de execução deles.

1. A interpretação no produto

O gênero jornalístico interpretativo é de fundamental importância, principalmente por possibilitar aos leitores conteúdos mais aprofundados e reflexivos. “O primeiro pesquisador a falar no gênero jornalístico interpretativo foi Luiz Beltrão na década de 1970. Entretanto, as pesquisas mais recentes da área vêm registrando a pouca predominância desse gênero na mídia brasileira” (PEREIRA, 2012, p.152).

Beltrão produziu o livro “Jornalismo Interpretativo”, fruto de palestras e cursos que havia ministrado na época, o qual é de grande contribuição para a área. Segundo o autor, a “interpretação jornalística consiste no ato de submeter os dados recolhidos no universo das ocorrências atuais e ideias atuantes a uma seleção crítica, a fim de proporcionar ao público os que são realmente significativos” (BELTRÃO, 1976, p.12). Podemos considerar, portanto que o gênero interpretativo é

um ofício e uma obrigação dos jornalistas, que devem analisar criticamente a realidade e, por meio de dados, transformá-la em conteúdo para o leitor interpretar. Com isso, devemos apontar que o jornalismo interpretativo não pode ser realizado de acordo com a opinião do jornalista. Os dados coletados

⁴ <http://www.nossotal.com/especiais/revista-vozes-criando-raizes-no-brasil/391/>.

não devem ser colhidos de forma pessoal, ao contrário, devem ser reunidos a partir de um “garimpo” crítico de informações (PEREIRA, 2012, p.154).

Com o avanço das tecnologias da informação e com a maior disponibilização de dados na internet, há uma maior gama de dados disponíveis para serem analisados. Assim, a ampla exploração dos dados torna-se ainda mais essencial para o desenvolvimento do jornalismo. Barbosa (2005) fala que o uso de dados no jornalismo digital é como um complexo de armazenagem cultural e que, muito além de ser uma ferramenta jornalística, ela constitui a prática em si. Os dados permitiram a estruturação da informação, a possibilidade de um apoio para a construção de narrativas multimídia e a construção de uma memória no mundo cibernético (BARBOSA, 2005).

Trabalhar com dados e com jornalismo interpretativo “é algo que exige coleta, seleção de dados e, logo, tempo. Talvez aí resida a explicação para a dificuldade de encontrar este gênero na mídia, que está cada vez mais focada na quantidade e na atualização” (PEREIRA, 2012, p.157).

São quatro os formatos que constituem o gênero interpretativo: dossiê, perfil, enquete e cronologia. O **dossiê** “se apresenta como um ‘mosaico’ de informações, muitas vezes está relacionado a temas policiais e tem como objetivo complementar os principais textos noticiosos e levar o leitor à própria compreensão do fato noticioso.” (PEREIRA, 2013, p. 37). Já o **perfil** é a narração feita, por vezes em linguagem mais poética, sobre um personagem. A **enquete** consiste na opinião de pessoas sobre determinado assunto – na televisão ela é conhecida como o “fala povo”. Por fim, a **cronologia** é o relato de um fato contado conforme a ordem em que aconteceu.

A reportagem não é classificada com gênero interpretativo, e sim informativo segundo Marques de Melo (2010). Contudo, Lucht (2010) traz as coberturas especiais como gênero interpretativo, o que se enquadra no produto realizado de forma experimental, que traz uma cobertura especial sobre os imigrantes na cidade de Blumenau-SC.

Tratar de interpretação é, invariavelmente, trazer questões como da subjetividade ou objetividade da informação. No livro “Cultura da Conexão”, Henry Jenkins (Aleph, 2014) traz uma reflexão sobre a produção textual ao falar que os textos possuem “pesos e medidas” diferentes para o leitor, sendo conseqüentemente absorvidos por diferentes formas e níveis. E se a interpretação é concebida como uma leitura da realidade, da informação a partir de uma determinada perspectiva e dentro de padrões jornalísticos de argumentação, o uso de dados colabora como um complexo de armazenagem cultural e social, como complementa Suzana

Barbosa em “Bases de dados e webjornalismo: em busca de novos conceitos”, Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2005, que permite, além da estruturação da informação, a fundamentação e conexão dos dados com os fatos em si.

A questão da interpretação leva à reflexão sobre a própria natureza jornalística. Quando realizamos publicação marcadamente orientada por histórias de vida e suas opiniões que contrastam com as narrativas tradicionais da região, acreditamos estar contribuindo não apenas para o assunto em si, com suas orientações provisórias, mas com a discussão mesmo teórica sobre a profissão.

2. Por que revista na internet?

A escolha de trabalhar com revista acontece justamente por possibilitar trabalhar com materiais mais longos e aprofundados. Freire (2016, p.83) aponta que este tipo de meio tem algumas características marcantes como “o aprofundamento das informações, a periodicidade, o cuidado com o projeto gráfico - tanto na qualidade do papel/impressão quanto no uso da linguagem visual - e a segmentação do público”.

Além disso, a estratégia narrativa que as revistas utilizam permitem “transportar o leitor para o espaço em que se passa o acontecimento, transformando-o em uma espécie de testemunha do ocorrido. Com isso, ele se envolve mais com a informação e contribui para o processo de fidelização junto à publicação” (FREIRE, 2016, p.41). Neste sentido, trabalhar com o formato perfil foi estratégico justamente para trazer proximidade entre o leitor e as histórias de vidas relatadas.

Utilizar a revista na web é uma facilidade levando-se em consideração os recursos aplicados na publicação de uma revista impressa. Além disso, “a especialização e organização das revistas eletrônicas se originam nas publicações impressas que, mesmo quando de conteúdo geral, ordenam seu conteúdo através de editorias” (FREIRE, 2016, p.38).

A escalada da internet como meio para o consumo de informação juntamente com o desenvolvimento do ciberespaço e de suas inúmeras ferramentas e mecanismos, modificaram a forma de comunicar. O jornalismo foi uma das áreas que embarcaram em uma onda de mudanças para se adequar, e a informação, sempre logicamente atrelada ao jornalismo em suas diferentes versões, ganha uma nova possibilidade de produção em que os conteúdos podem ser trabalhados de diferentes formas, seja por meio textual, visual ou auditivo.

Partindo dos princípios de convergência e conexão explicados por Jenkins (2014), e as relações do jornalismo com os meios digitais e redes sociais apontado por Canavilhas (1999), os principais pontos norteadores do trabalho foram a exploração jornalística no formato de

revista digital, que permitiu a ampliação do tema, diferentemente das limitações que ocorrem no impresso. O desenvolvimento do produto foi pensado como uma atividade imersiva narrativa, literária e informacional.

Canavilhas (1999, p.2) fala que “numa sociedade com acesso a múltiplas fontes de informação e com crescente espírito crítico, a possibilidade de interacção directa com o produtor de notícias ou opiniões é um forte trunfo a explorar pelo webjornalismo”.

O World Wide Web (www), proporcionou a profissão conhecer com maior profundidade o perfil do seu público e fazer com que as informações fossem transmitidas em velocidade cada vez maior. “E o ser humano tenta acompanhar essa velocidade de uma máquina por meio dos espaços de fluxos proporcionados pela comunicação em rede” (CAVALCANTI, 2014, p.12).

Neste cenário, a revista digital oferta liberdade editorial e de construção de formato, permitindo mais textura e dinamismo por meio das fotos, dos textos e quaisquer elementos para tornar o material mais maleável e interativo (PERNISA; ALVES, 2010). Por outro lado, traz desafios na produção da escrita. O conteúdo digital e sua linguagem permitem uma maior dinâmica do público com o jornalismo. “A universalidade da linguagem digital e a pura lógica das redes do sistema de comunicação geraram as condições tecnológicas para a comunicação horizontal” (CASTELLS, 2007, p. 82). O conteúdo deixa de ser linear, que obriga o leitor a seguir a lógica estabelecida pelo jornalista. O consumo da informação é diferenciado assim como o número de vezes que o leitor quer ter acesso àquele conteúdo (LUZ; QUEIROZ; WOITOWICZ, 2016).

Todavia, no produto desenvolvido sabemos que o uso de recursos da web foi feito de forma limitada. A revista desenvolvida tem mais características de uma impressa, subida para web em um PDF simples, do que de uma digital que deveria respeitar os princípios do webjornalismo (interatividade, multimídia, memória, hipertextualidade, instantaneidade, ubiquidade e personalização). Por outro lado, autores como Dourado (2013) consideram revista digital mesmo aquelas postadas em um PDF simples e que são construídas com limitação do uso dos recursos da web, devido ao local em que está hospedado e às possibilidades de interação do leitor. Além disso, o foco da discussão centra-se na estrutura narrativa enquanto apropriação dos gêneros e formatos e não enquanto adequação ao meio em que está disponibilizado. A partir desse contexto, passemos, agora, a explicação da construção do produto.

3. A construção da revista “vozes”

A revista “Vozes: criando raízes no Brasil” foi produzida por alunos do 3º e 4º semestres do curso de Jornalismo da Universidade Regional de Blumenau (FURB), em 2019. A inserção

das vozes migrantes com foco em perfis jornalísticos surgiu do encontro da disciplina de Plataformas Multimídias com outra disciplina, a de Jornalismo Internacional, que debateu a presença estrangeira na região do Vale do Itajaí.

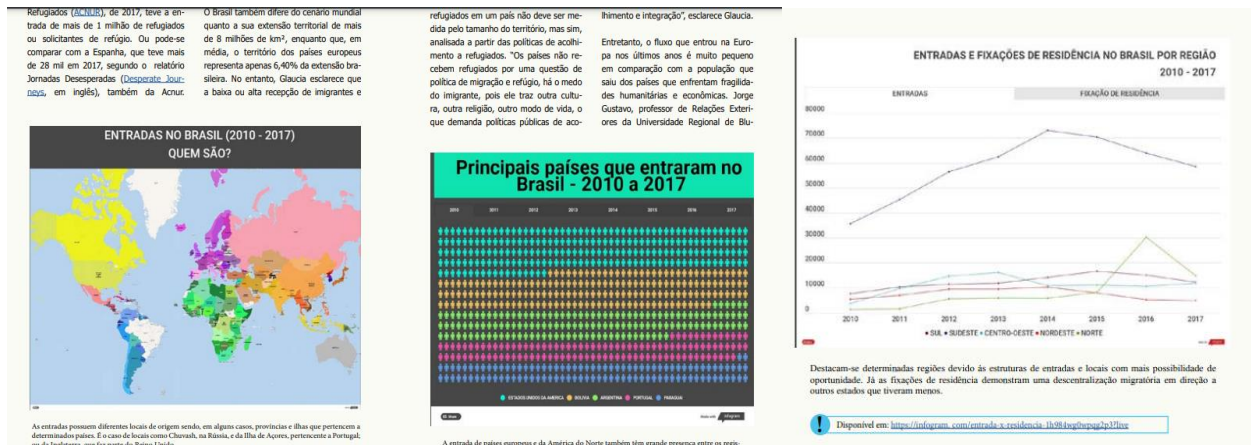
Para a realização da revista e construção dos materiais foi necessário definir um cronograma que contemplasse todas as etapas de trabalho, desde a angulação das matérias, se seria pertinente abordar a questão cultural e econômica ou se haveria um foco específico em uma determinada face da migração, até data final de entrega, uma vez que o desenvolvimento da revista se deu em meio a dois semestres do ano letivo de 2019.

Foram 14 alunos participando dos processos de produção da revista e se responsabilizando cada um por matérias com pesquisa prévia de dados sobre o fenômeno da migração, além da seleção de um perfil com o imigrante escolhido individualmente, todos definidos em conjunto em reunião de pauta. Buscou-se por uma diversidade de abordagens e origens migratórias, demonstrando as diferentes razões para os atos de deslocamento.

Tratar da imigração como uma pauta jornalística é designar à profissão o peso da responsabilidade social, de relevância pública e o intuito de promover reflexões e mudanças de comportamentos a partir de outras opiniões e reunião de fatos e dados, conforme estabelecido pelo Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, artigo 2, inciso II (FENAJ, 2007). E não somente isso, abordar a migração trazendo para a discussão e reflexão a figura do imigrante como presença principal, configura-se como mais um dever profissional que os alunos deverão assumir como jornalistas, opondo-se “ao arbítrio, ao autoritarismo e à opressão, bem como defender os princípios expressos na Declaração Universal dos Direitos Humanos” (FENAJ, 2007, Art. 6º, inciso I), por meio da informação, opinião e defesa à vida desses imigrantes.

A revista tem 79 páginas e, além dos sete perfis de estrangeiros, foram entrevistadas mais de trinta fontes, entre especialistas e profissionais, além das consultas em bancos de dados. Para contexto social e político-econômico buscou-se fontes de profissionais atuantes no mercado de trabalho, além de professores pesquisadores, tanto da Universidade Regional de Blumenau (FURB) quanto da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Também foram usadas fontes primárias como o Observatório de Imigração (OBMigra), Sistema Nacional de Cadastro e Registro de Estrangeiros (SINCRE) e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Figura 1 – Exemplo de dados que foram sistematizados na revista



Fonte: Revista Vozes

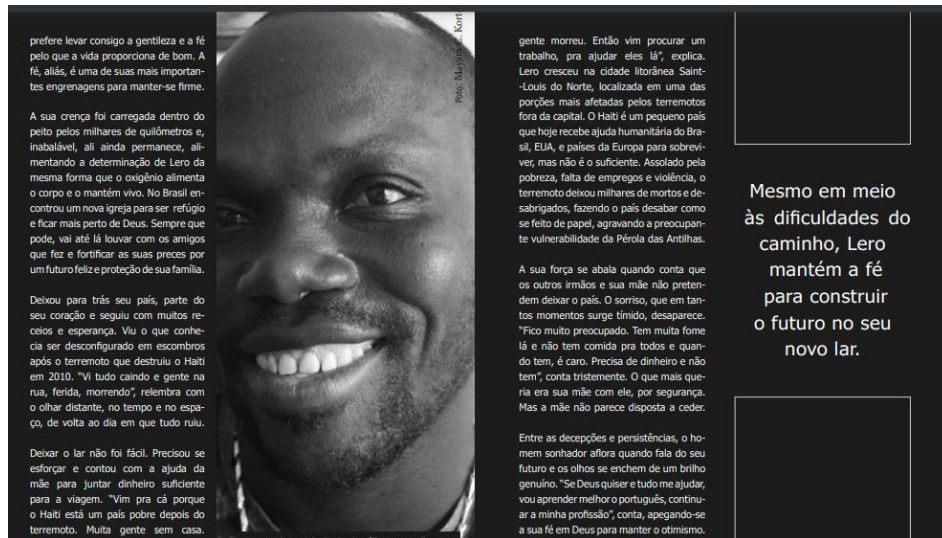
Com os dados apurados começou-se a interpretação e filtragem para a absorção do que seria mais relevante quanto aos conteúdos diversos. As entrevistas proporcionaram aos dados um rosto e uma história. Enquanto alguns textos trouxeram os contextos econômicos e sociais, os perfis apresentaram a história e opinião de imigrantes estabelecidos em Blumenau e região, bem diferentes das conhecidas narrativas alemãs, frequentes nos meios da região.

A crescente presença de atos migratórios nos meios jornalísticos, como conteúdo de relevância social e cultural, leva acadêmicos a uma profunda reflexão sobre a presença dos imigrantes no contexto em que vivem, abrindo-se a opiniões a serem escutadas. A imigração está na raiz da história contada sobre o Vale do Itajaí, em Santa Catarina. Blumenau, uma das maiores cidades do estado, foi inaugurada por alemães no século XIX. No século XXI, porém, para falar de imigração na cidade conhecida pela origem alemã, é preciso incluir outras nações. O trabalho aqui relatado traz vozes de pelo menos mais sete outros países inseridos na Blumenau de hoje.

Historicamente, a narrativa oficial em Blumenau monopoliza a nacionalidade alemã. Entretanto, o que apresentamos neste trabalho ultrapassa os limites de um único continente e país. Apresentamos perfis, histórias e opiniões de sete estrangeiros, originários de sete países de quatro continentes distintos.

Afirmações como “o que para vocês está ruim, para nós está ótimo”, do cubano Miguel, ou a preocupação do haitiano Lero de que “tem muita fome lá e não tem comida pra todos e quando tem, é caro”, sintetizam histórias de deslocamentos migratórios.

Imagem 1 – Perfil “Armado de determinação e fé” publicado na Revista Vozes



Fonte: Vozes, online.

São opiniões e sentimentos que impactam, como a do jovem dominicano Ronalson: “não quero voltar lá nem para visitar meus familiares. Prefiro trabalhar e um dia poder trazer todos para cá”, remetem à esperança que depositam na nova vida no Brasil e no Vale do Itajaí.

Foi reservado um tempo da disciplina de Jornalismo Internacional para aprendizagem sobre a produção de perfis e como se portar no caso de alguma dificuldade no entendimento da língua, timidez ou desconfiança para com os estudantes entrevistadores, desconhecidos dos imigrantes. Realizou-se um simulado em sala de aula, com atividade de produções de perfil a partir de personalidades históricas, para os alunos criarem mais familiaridade com o estilo de narrativa e compreenderem o que precisavam ter em vista ao questionar o imigrante para elaborar o perfil dele.

A partir disso os alunos previamente formularam perguntas e efetuaram pesquisas sobre o país de origem do entrevistado, mas dando liberdade para haver uma espontaneidade a novas perguntas fora do roteiro, de forma a trazer mais pessoalidade. Somam-se na revista sete perfis de imigrantes de diferentes nacionalidades. São eles: Mory, da Costa do Marfim; Rubem Rueda, do Chile; Miguel García Águila, de Cuba; Nancy, da Venezuela; Lero Cyrille, do Haiti; Ronalson Jean, da República Dominicana e Perna, da Índia.

O cronograma sofreu atrasos que levaram a finalização a ultrapassar o período de um semestre letivo, estendendo-se durante as férias de julho e avançando no segundo semestre, para diagramação e design. Assim, após a revisão da revista, ela foi publicada no site Nosso Tal no dia 10 de dezembro de 2019 e divulgada através de redes sociais, sendo integralmente disponibilizada para a comunidade.

Considerações finais

A partir do referencial teórico levantado sobre gênero interpretativo podemos dizer que a revista produzida em caráter experimental está de acordo com os princípios deste gênero por trazer perfis que exemplificam a temática central trabalhada e por ser um material especial pautado na interpretação de dados.

Na revista, as reflexões de Barbosa (2005) se fazem valer, uma vez que os dados, apuração e interpretação deles se revelou de fundamental importância para compreender e explicar o tema. O uso dos dados disponíveis em rede e em órgãos oficiais foi uma constante ao longo da construção da revista, levando os alunos envolvidos à necessidade de interpretar e compreender diferentes nuances de análises para proporcionar informações bem construídas e verídicas.

Além disso, pelo resultado final do produto desenvolvido podemos dizer que trabalhar com o desenvolvimento de atividades experimentais, bem como otimizar reforços na produção por meio da integração de disciplinas contribuem positivamente com a formação discente, experienciando, os gêneros dentro da construção de um produto completo como uma revista.

As trocas de experiências trouxeram uma melhor compreensão das condutas individuais e como grupo. Os obstáculos apresentados ao longo do processo de trabalho tornaram-se fonte de estímulo para uma reflexão como estudantes e profissionais de jornalismo, percebendo a importância da apuração e construção de um conteúdo estruturado, assim como da elevada necessidade de dedicação e importância do trabalho em equipe para o desenvolvimento de materiais jornalísticos, seja no meio impresso ou digital.

Referências bibliográficas

BARBOSA, SUZANA **Bases de dados e webjornalismo: em busca de novos conceitos.** Biblioteca Online de Ciências da Comunicação: 2005. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/barbosa-suzana-bases-de-dados-webjornalismo.pdf>. Acesso em 03 de out de 2020.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Interpretativo.** Porto Alegre: Editora Sulina, 1976.

CANAVILHAS, João. **Do jornalismo online ao webjornalismo: formação para a mudança.** BOCC, Lisboa, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede - A era da informação.** Economia, sociedade e cultura. 10. ed. totalmente rev. e ampl. v.1. São Paulo: Paz e Terra, 2007. 698 p.

CAVALCANTI, Tatiana Aoki. Comunicação em tempos de redes sociais: contexto histórico e suas implicações para a sociedade. In: **Convergência midiática e comunicação [recurso eletrônico]: cenários, atores e práticas**. SARDINHA, Antônio; SAAR, Cláudia M. A. Assis; MARTINS, Elaide (Orgs). Macapá: EDUNIFAP, 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/10249216/Converg%C3%Aancia_midi%C3%A1tica_e_comunica%C3%A7%C3%A3o_cen%C3%A1rios_atores_e_pr%C3%A1ticas

DOURADO, Tatiana. **Revistas em formatos digitais: modelos e novas práticas jornalísticas**. Dissertação de Mestrado. UFBA: 2013.

FENAJ, Federação Nacional dos Jornalistas. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. Brasília, 2008.

FREIRE, Marcelo. Jornalismo de revista em tablets: um estudo de aplicativos para ipad da revista Wired e Katachi. Portugal: Labcom, 2016. Disponível em: http://labcom.ubi.pt/ficheiros/201604201637-201603_jornalismorevistatablets_marcelofreire.pdf. Acesso em 03 de out de 2020.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2015.

LUCHT, Janine. Os Gêneros Jornalísticos No Rádio. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba: Intercom, 2009.

LUZ, André Luiz Lucas da; QUEIROZ, Letícia de; WOITOWICZ, Karina Janz. Jornalismo multimídia na internet: Convergência e estratégias de divulgação no site Cultura Plural. XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, Curitiba/PR, 2016. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2016/resumos/R50-1751-1.pdf>. Acesso em 16 de fevereiro de 2020.

MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de. **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Paulo: Universidade Metodista, 2010.

MEDINA, Jorge Lellis Bomfim. Gêneros Jornalísticos: repensando a questão. Revista Symposium, ano 5, n. 1, p. 45-55, jan.-jun. 2001. Disponível em: <http://www.maxwell.vrac.pucrio.br/3196/3196.PDF> Acesso em: 6 abr. 2001.

PEREIRA, Clarissa Josgrilberg. Entre limites e possibilidades: o estudo dos gêneros jornalísticos nas fronteiras de Mato Grosso do Sul. Universidade Metodista de São Paul: 2013.

PEREIRA, Clarissa Josgrilberg. **Jornalismo Interpretativo**. In: Fortuna Crítica de Luiz Beltrão: dicionário bibliográfico. Marques de Melo (Org). São Paulo: Intercom, 2012.

PERNISA Jr., Carlos; ALVES, Wedencley. **Comunicação digital: Jornalismo, narrativas, estética**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.